



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 68
2016

COLÓQUIO
TERRAMOTO DE LISBOA. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

MIGUEL TORGA E A ARQUEOLOGIA

José d'Encarnação

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / jde@fl.uc.pt

Resumo

Colhem-se apontamentos dispersos dos escritos de Miguel Torga susceptíveis de mostrar a sua reacção perante os vestígios arqueológicos. Conclui-se que – reflexo, certamente, da imitação que os regimes autoritários fizeram da herança romana – pouco ou nada do que os Romanos deixaram lhe tocou de modo especial, sentindo-se que vibrava muito mais perante os locais onde mais se poderia sentir o Homem de antanho.

Palavras-chave: Miguel Torga, Lascaux, Altamira, Arqueologia.

Abstract

In this essay the question is: what was the Miguel Torga's reaction, as poet, in front of the archaeological sites? As reflex, certainly, of the use did by the authoritative politic regimes of his time (Hitler, Mussolini, Salazar, Franco...) of the architectonic models (for example), the Roman sites weren't very appreciate by him. Torga was much more attracted by the sites where he could 'see' the Man inside, like Cremes of the Terentius' comedy: «Nihil humani mihi alienum puto».

Keywords: Miguel Torga, Lascaux, Altamira, Archaeology.

1. AS CIRCUNSTÂNCIAS POLÍTICAS

Vamos à Universidade La Sapienza, em Roma, e quedamo-nos admirados perante a enorme semelhança arquitectónica dos edifícios e mesmo a sua disposição espacial em relação ao que se observa na Cidade Universitária de Coimbra. O primado das linhas direitas; a imponência dos edifícios, a sugerir solidez e rigor; a exaltação dos valores pátrios nas escassas mas bem representativas pinturas e baixos-relevos; a presença de grupos escultóricos de divindades ou de conceitos morais que importa inculcar nos jovens...

Era o primado da herança romana como símbolo de um Poder organizado, a aprender, a manter e a respeitar!

Não fora, aliás, impunemente, que Mussolini sonhara criar uma nova Roma, a EUR, e adoptara como símbolo o *fascio*, em italiano, o latino *fascies* que era, na Roma antiga, a personificação plástica das forças unidas para manter a Ordem, empunhado pelos lictores, de mui profundo significado político e institucional; e optou, além disso, por ser *duce*, vocábulo que deriva do latino *dux*, que deu 'duque' em português, mas que designava, no Baixo-Império, o comandante das tropas.

Hitler, no sonho de reconstituir o antigo Império Romano-Germânico, optará por ser *Kayser*, «César», eco do nome do grande conquistador das Gálias e sinónimo, na nomenclatura imperial, do poder militar do imperador. A saudação nazi (adoptada também pela Mocidade Portuguesa) mais não será do que a transposição da saudação oficial romana.

Tudo isto envolvia – consciente ou inconscientemente – o universo em que se movimentou Miguel Torga, ao ver destruir os colégios seculares da Alta da Coimbra que o acolhera para, em seu lugar, se edificar uma outra cidade à maneira dos regimes autoritários. Decerto por isso, os Romanos – e a Arqueologia em geral – lhe não tenham despertado um interesse 'científico'. Não consta – se bem vimos os seus escritos – uma referência sequer ao criptopórtico de *Aeminium*, que, aparentemente, nunca terá visitado, por não se sentir a isso atraído. Mesmo a Co-

nimbriga só foi duas vezes e – como já tive ocasião de escrever¹ – a sua visão é um tudo-nada estranha para os que hoje lidamos com os vestígios romanos da forma como os encaramos. Bastará atentar-se no modo como introduziu a sua segunda visita ao sítio (a 1ª fora apenas a 26 de Fevereiro de 1939: «Aqui a dois passos e só hoje lá fui! Gostei. Afinal as ruínas têm algum interesse»):

'*Conimbriga, 13 de Junho de 1944* – Outra visita a estas pedras queimadas pelos Suevos (...) e aprendi finalmente que foram os Suevos que estragaram o arranjinho aos romanos que gozavam isto'.

Da primeira vez, chamara «ladrilhos» aos mosaicos e achara que o melhor que Conímbriga tinha em relação a Roma era a possibilidade, que lhe fora proporcionada, de atirar para o vale ao fundo, onde corria o rio, uma pedra «à minha moda, à cabreira, coisa que não pude fazer do Palatino ao Tibre». O relato da segunda saiu-lhe pleno de ironia, que é como quem diz: abençoados Suevos, que os Romanos só estavam aqui para seu bel-prazer e sem proveito algum para os demais...

Sente-se subliminarmente o Poeta, o cidadão que parece não ligar grande importância a essas 'antiguidades', úteis apenas para dar largas a uma evocação de infância.

Difícil será explicar o que Torga poderá ter sentido no subconsciente, quando lhe deu para caracterizar a estada dos Romanos em Conímbriga em jeito de mero «arranjinho», que é como quem diz, generalizando, só cá vieram para aproveitarem o que de bom cá havia... Atitude crítica, aplicável, normalmente, a todas as chamadas «ocupações», mas que não deixa de ser sintomática.

2. O SANTUÁRIO RUPESTRE DE PANÓIAS

Bem andou o Dr. Orlando Sousa quando pensou em reunir num livrinho comemorativo do Dia Inter-

¹ No âmbito do projecto pensado pela Doutora Raquel Vilaça, subordinado ao tema «Como é que os escritores portugueses viram a Arqueologia?», elaborei um texto sobre Torga e Conímbriga, que poderá vir a lume em 2019.

nacional dos Monumentos e Sítios (18 de Abril de 2007) o que Miguel Torga fora espargindo sobre Panóias nos seus escritos².

Merecem essas reflexões uma leitura atenta, pelo que delas se desprende. Primordialmente, um sentimento poético, de relacionamento com o Génio do lugar, que não deixa sensível qualquer visitante que saiba, ali, fazer silêncio³. E talvez não esteja errado quando sinto que, nos variados textos, redigidos em situações e ocasiões distintas, destila da prosa de Torga desalento por ver o estado de abandono em que o sítio estava e ao verificar que o visitante não lograva compreender o significado último que daquelas fragas se evolava. Um descon-solo, dir-se-ia:

«Inconscientes, pisavam sem qualquer emoção os sagrados altares que antepassados seus, num gesto pânico e preventivo, tinham erguido aos deuses Lapitas. Naquelas pias cavadas na fraga, de tamanho variado consoante a aflição e as posses, imolavam as vítimas e as ilusões terrenas» (p. 4).

«Inconscientes», porque não tinham a menor ideia do que tudo aquilo pudera significar; «sem qualquer emoção», porque há uma comunhão a fazer, um sentimento a deixar fluir.

Tinha Miguel Torga pleno conhecimento já de que não teriam sido apenas os deuses locais – os referidos Lapitas – que ali haviam sido venerados; preferiu, claro, citar apenas esses. Também o tamanho das «pias» nada tinha a ver nem com as «pos-ses» nem com as «aflições» – visão de Poeta é essa, como se compreende.

Contudo, não deixa de ser sintomático que, em 1950, ao referir-se a monumentos arqueológicos transmontanos, comente (*ibidem*, p. 5):

² De *Panóias a Torga*, uma edição do Instituto Português do Património Arquitectónico, concebido e coordenado por Orlando Sousa, selecção de textos de Inês Duque Dias. Edição integrada nas celebrações do centenário do nascimento de Miguel Torga (Fig. 1).

³ Cfr. notas inseridas na revista *Conimbriga*, a propósito de uma outra iniciativa, paralela, mas igualmente muito válida, a de se apresentarem os desenhos que o sítio inspirou a Alberto de Souza Oliveira: *Conimbriga* 45, 2006, p. 433-434. <http://hdl.handle.net/10316/80360>.

«O tempo mudou os símbolos de fé, deliu as inscrições sagradas, e relegou para a penumbra da arqueologia o que foi vivo e útil».

«Penumbra», anote-se. E creio que virá a talhe de foice mais uma citação, a meu ver bem reveladora do que foi para o Poeta a arqueologia (sim, ponho com minúscula de propósito):

«Eça falhou na *Cidade e as Serras* porque nunca calcorreou as serras. Camilo é muito mais autêntico porque atolava os pés no barro que moldava.

Temos de conhecer a nossa terra. Mas conhecê-la por dentro, sem preocupações históricas, arqueológicas, políticas ou outras. Conhecê-la como se conhece a mulher que se ama, com quem se dorme... ver-lhe a nudez do corpo quando se despe...

Portugal tem sido visto ou por arqueólogos ou por obcecados. São horas de tentar compreendê-lo doutro modo. Nem o cisco dos cacos nem o delírio histórico: uma radiografia profunda, que revele a solidez do esqueleto sobre o qual todo o corpo se mantém» (*Diário V*, p. 60-61, Coimbra, 7-12-1949).

De uma penada, a ironia redutora: a arqueologia, «cisco dos cacos»; a história, um delírio. Para ele, o mergulhar nas raízes, atolar os pés no barro... afigura-se essencial. E é curioso ver como, ao lê-lo, sentimos que, para o escritor, há «raízes» e... «raízes»! Os 'cacos' – a Vergílio Correia, arqueólogo de Conimbriga, chamará «o Virgílio dos cacos» e, ao relatar a conversa ocasional que tivera com um professor universitário que lhe falava da 'cultura material' que o arqueólogo desenterrava, mostrara-se descrente, alheio... Haverá também, aqui, o reflexo do 'choque' que sempre houve, na Lusa Atenas em que Adolfo Coelho exercia a sua profissão de otorino, entre ele e a Academia, um antagonismo que nunca lhe foi possível superar.⁴ De qualquer modo,

⁴ Permita-se-me uma nota. Sabendo da grande honra que significaria para Jorge Amado a concessão do doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Coimbra, ambição que há muito alentava, encetei diligências nesse sentido. Cedo me apercebi, porém, que estariam destinadas ao fracasso. Doutorar Jorge Amado sem doutorar Miguel Torga era impossível, dada, inclusive, a estreita relação de amizade entre eles; e doutorar Miguel Torga era impossível também.

não se trata de mero menosprezo poético, de quem aplaude outros valores: há uma atitude. Ao arqueólogo falta a imaginação, que é essencial ao poeta...

Teve razão Miguel Torga. Até quase aos anos 80 do século passado, tivemos uma Arqueologia intimamente ligada ao objecto; as 'culturas' identificavam-se através dele; falava-se na «cultura do vaso campaniforme»... Paulatinamente se começou a perceber que, na verdade, por detrás do objecto, estava uma função e esta não pudera existir se não houvera o Homem a manipulá-la. Até nos estudos epigráficos essa atitude se mantinha: o que interessava era decifrar o texto e, decifração feita, esquecia-se que se estava perante a mensagem que, um dia, alguém deliberadamente mandara gravar, sinteticamente, para a passar aos vindouros – e, assim, docemente penetrávamos na secreta vivência de outrora... O mesmo arqueólogo que lhe falara de «cacos», em fugaz troca de impressões na Gráfica de Coimbra, fará reviver, anos mais tarde, os sítios que dera a conhecer através de escavações⁵; e a Epigrafia de há décadas conhece hoje novos horizontes.⁶

Mais tarde, a 16 de Setembro de 1979, será o próprio Poeta que, em Panóias, entrará em comunhão com as ruínas (assim é o seu entendimento delas):

«De tanto visitar este santuário pagão, acabei por me meter na pele de um seu qualquer devoto primitivo. Sacrifício também em cada ara e contacto com o divino através do sangue das vítimas. É aqui que mais vezes o espírito me fala e que minha humanidade religiosa encontra mais satisfatória expressão. E chego a perguntar a mim mesmo se o alvo-roço em que fiquei, quando o vi pela primeira vez, foi apenas uma reacção cultural ou era já o crente envergonhado que encontrava emocionadamente um templo de fé descomprometida»⁷.

⁵ De Jorge de Alarcão: *S. Cucufate* (Roteiros da Arqueologia Portuguesa 5, Lisboa, 1998); *Conimbriga – O Chão Escutado* (Edicarte, Lisboa, 1999; recensão in *Al-madan*, 9, Outubro 2000, p. 188-189).

⁶ Perdoe-se-me a presunção de me citar: *Epigrafia – As Pedras que Falam*, Coimbra, 2006.

⁷ É a última transcrição inserta no referido livro sobre Panóias (p. 15), retirada do *Diário XIII*, Coimbra, 1983.

3. O REAL, PONTE PARA O IMAGINÁRIO

Miguel Torga visita Lindoso a 20 de Agosto de 1950. Aí se deixa seduzir pela «sagrada realidade do pão»:

«[...] Lembra-me um lugarejo grego que tivesse crescido à sombra duma acrópole inteiramente dedicada a Deméter; que pusesse toda a ruminação metafísica em monumentos culturais onde residisse a confiança no arado, a paz da abundância, e a força vital do povo».

A Grécia, berço do pensamento metafísico, sugere-lhe «monumentos»; mas a palavra «monumentos» – que hoje nos inclinaria para «património arqueológico», por exemplo – catapulta-o, porém, para uma ode, que o é, apesar de brevíssima, em louvor do Homem que sabe retirar da terra a sua fonte de sustento e, conseqüentemente, a sua serenidade.

Em Roma, a 15 de Setembro de 1950, o «passeio lento e pitoresco pela Roma velha», que o faz não resistir a jantar numa «taberna barata de operários», voou nas asas do pensamento para os poetas e os escritores que pela cidade teriam deambulado, como ele então, e... nenhum comentário acerca das ruínas!...

E, de Pompeia, a pintura inicial é sarcástica, acutilante:

«O mesmo número de igrejas, o mesmo estádio municipal, os mesmos vícios de lupanar, a mesma ostentação burguesa a dar sombra ao tugúrio infecto...» (*Diário V*, Coimbra 1951, p. 134).

Dir-se-á: 2018 está bem longe de 1951. Muito se alterou a mentalidade e a forma de ver a realidade. Não se nega; contudo, este martelar da repetição do demonstrativo «o mesmo, os mesmos, a mesma...» já nesse dealbar da década de 50 seria deveras significativo de um olhar que do lupanar apenas enxerga os 'vícios' e das faustosas *villae* urbanas rapidamente se desvia, sem as apreciar, para o «tugúrio infecto». As ruínas, em si, não merecem atenção; importante é o que podem contar, o Homem que atrás delas se esconde, certamente um Homem que não logrou, afinal, realizar-se, massacrado pela conjuntura:

«Falta ainda desenterrar aqui o que se dizia na fonte, o que se pensava aos pés de Júpiter, o que se maquinava no silêncio do desespero... [...] Subterrâneas por natureza, as provas de sublevação foram sempre difíceis de encontrar. É nelas, contudo, que reside o interesse vivo das coisas mortas» (*ibidem*, p. 135).

Uma visão alternativa à da mera concepção descritiva que a figura do arqueólogo de então deixava predominantemente transparecer. E não nos admira, portanto, que, em Taranto, na Sicília, a 23 de Setembro, exclame:

«Uma morte majestosa, histórica, inanimou o corpo e a alma deste celeiro grego. E como em Segesta, em Selinunte e Agrigento, apenas uma coluna partida dá sombra e presença humana a quem passa.

Avidez social na sua expressão mais decidida, cada civilização é uma boca que esgota a teta em que mama» (*ibidem*, p. 141).

Já em Siracusa, dois dias antes, diante das ruínas do teatro, Miguel Torga, extasiado, verberara:

«Ah! bom teatro grego, cavado na rocha pela geometria dos dramaturgos e dos pedreiros! Aqui sim a vida podia mostrar todas as suas máscaras, porque era uma confissão geral que se fazia ao ar livre, autor, actores e público cobertos pela mesma pureza do céu e acariciados pela mesma brisa do mar.

E como o espírito traidor abandonou às ervas este palco sagrado! Impuros por dentro e por fora, depois das obscenidades romanas, fomos representar nas sacristias. Em vez de Eurípedes, milagres, mistérios e moralidades. A catarse, agora, só aos pés do confessor... (*ibidem*, p. 139).

O mesmo ar depreciativo pelos Romanos perante a nobreza dos Gregos; uma depreciação que se estende pela Idade Média de uma religiosidade que nada tem a ver com a pureza das mentes helénicas!...

E esta passagem pela Sicília, onde pairava ainda o espírito grego, vai permanecer na sua lembrança, de tal maneira que, em Veneza, confessa que o seu «fraco entusiasmo» ao ver a praça de S. Marcos tem a ver com «uma espécie de defesa instintiva», pois

nenhum «homem deste mundo poderá acrescentar mais uma pedra a estas pedras», impressão que também sentira na Sicília, «ao olhar os templos gregos»:

«Plenamente realizadas, só resta às formas clássicas esperar pela corrosão do tempo. E quem as contempla sente que, nada podendo fazer por elas, nada pode fazer pela própria vida» (*ibidem*, p. 142).

Diversa era, claro, a atitude do arqueólogo; mas essa veste Miguel Torga resiste a envergá-la. Nunca, aliás, tal lhe terá passado pela cabeça.

4. DESCOBRIR O HOMEM

Também a Citânia de Briteiros lhe suscitara comentários:

«Se um dia fica de Nova York uma coisa semelhante a isto, com a mesma poesia e o mesmo mistério, então acredito que vale a pena construir arranha-céus» (6-9-1943).

E se uma visita a Mérida o parece ter deixado indiferente, Évora vai seduzi-lo por completo, porque os monumentos lhe falam de cultura. Essa é a minha impressão, pelo que transparece do que sobre a cidade escreveu no seu livro *Portugal*.

O Poeta considera ser a cidade uma ilustração completa do que nós somos, «o que temos de lusitano, de latino, de árabe e de cristão», nas suas paredes está gravado o rude caminho da nossa cultura. Se mandasse, Miguel Torga obrigaria todos os portugueses a irem lá fazer um retiro, findo o qual, «se não tivesse sentido que num templo de colunas coríntias se pode acreditar em Diana, numa Sé românica se pode acreditar em Cristo, e num varandim de mármore se pode acreditar no amor – seria um desterrado» (41980, p. 198).

Creio, no entanto, que a visão de Miguel Torga perante as manifestações do passado humano reveladas nos sítios arqueológicos ficou superiormente expressa no modo como encarou as pinturas rupestres das Cuevas de Altamira e o que viu depois em Lascaux.

Deslumbrado, a 8 de Outubro de 1950, começa logo por comparar Altamira ao tecto da Capela Sistina: «esta primeira Sixtina que o homem pintou».

De emoção «redobrada aqui em termos de profunda e comovente reverência pelo que o espírito é e pode: Força milagrosa e gratuita, que procura, desde que o mundo é mundo, suprir a temporalidade da vida pela intemporalidade da beleza» (*Diário V*, 1951, p. 155).

Para concluir:

«[...] Começa aqui o caminho da grande peregrinação do génio através da terra: consciência dramática do nosso destino de permanentes caçadores nas selvas da natureza, e lúdico dom de revelar em formas maravilhosas essa consciência» (*ibidem*, p. 156).

Totalmente diferente a reacção diante das grutas de Lascaux, a 11 de Junho de 1958 (*Diário VIII*, 21960, p. 125-126). Desde logo, tivera de percorrer «um ror de quilómetros a cem à hora» e para quê? «Para ir daqui com uma desilusão às costas!» Se, inconscientemente, foi o seu coração hispânico que reagiu, não o saberei dizer e nem Torga alguma vez o diria; há, contudo, imediato repúdio (julgo que não é palavra exagerada) pelo que lhe fora dado ver:

«Figurações moles, desinspiradas, que me não parecem irromper de nenhuma sinceridade profunda, indecisas entre a maciez realista de Altamira e o esquematismo expressionista do rupestre levantino, esse compromisso afirmativo rouba-lhes todo o poder convincente. E, verdadeiras ou falsas, com 15 mil anos de vida ou da minha idade, o certo é que não tive remorsos de as macular com o anidrido carbónico da respiração».

5. CONCLUSÃO

Era assim Torga. Miguel – como Unamuno, como Cervantes, como o arcanjo que, reza a tradição bíblica, venceu demónios.

E embora diga, a 3 de Outubro de 1949, que em S. Martinho de Anta, com uma arma de cinco tiros, se imaginou como «o homem primitivo com o seu sílex afiado na mão»⁸ (o homem e o sílex, anote-se, ou, de preferência, o sílex e o homem...), não

⁸ *Diário V*, 1951, p. 53.

parece que a ciência arqueológica e os sítios arqueológicos como eram encarados no seu tempo lhe houvessem despertado particular sedução. Como referi, penso que nunca lhe terá suscitado interesse uma eventual descida ao criptopórtico de *Aeminiun*, sob o pátio do Museu Machado de Castro.

O que partilhei e procurei comentar foram tópicos colhidos aqui e além, não o resultado de uma pesquisa sistemática.

Na comédia *O Homem que se Puniu a Si Mesmo*, de Terêncio,⁹ logo na primeira cena do I Acto, Menedemo pergunta, em tom de ironia, a Cremes, um ancião seu vizinho, que se mostrava preocupado com ele:

– *Chreme, tantumne ab re tua est otii tibi, aliena ut cures ea quae nihil ad te attinent?* (versículos 75-6).

«Ó Cremes, tens assim tão pouco que fazer, que te sobra tempo para te ocupares das coisas dos outros?»

Ao que o ancião responde:

– *Homo sum. Nihil humani mihi alienum puto.*

«Sou homem. Nada do que é humano me é alheio!».

Perguntássemos a Miguel Torga porque é que, sendo médico especialista, tanto se interessava pelo que o rodeava, poderíamos certamente ter recebido resposta idêntica.

O Poeta olha derredor e tudo acaba por lhe interessar, mormente aquilo que ao Homem diz respeito.

Replicar-se-á: mas a arqueologia não lhe chamou assim tanto a atenção! Não, de facto.

E poderemos ver nessa ausência duas razões:

– a primeira, já se disse, porque terá visto os Romanos como potência imperialista, em que – até nos modelos arquitectónicos – os estados autoritários do seu tempo (Hitler, Mussolini, Salazar, Franco...) exemplarmente se inspiravam;

⁹ Walter de Medeiros traduziu superiormente essa comédia num livro incluído na série de Textos Clássicos (é o nº 35), do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que o INIC patrocinou. Data de 1992.

– a segunda prender-se-á também com a arqueologia que então se praticava, era o «Virgílio dos cacos», era Lascaux, era uma atenção ao objecto sem que visse através dele o Homem que estava por detrás.

E Torga, Poeta, preferia comungar com as pednias de Panóias, onde sentia o peregrinar do Homem em direcção ao Além; haurir a poesia que da Citânia de Briteiros brotava; encontrar mãos humanas para além dos cacos, da coluna partida, das gravuras de Altamira; gostaria de lhe ter sido proporcionada, em Roma, a liberdade de atirar «à cabreira» uma pedra para o Tibre!...

E nessa viagem presente por um Passado longínquo, carregou sempre «as cicatrizes de defensor incansável do amor, da verdade e da liberdade», «tríade bendita» que, em seu entender, «justifica a passagem de qualquer homem por este mundo» (*Diário XVI*, p. 200 – 9 de Dezembro de 1993).

E na Arqueologia – agora, sim, com maiúscula – ainda se não lograra descobrir o Homem, por que ele, como o ancião Cremes, da comédia de Terêncio, tanto se havia de interessar!



Figura 1 – Capa do opúsculo.

